

# A visita da peste

*Boris Schnaiderman*

*Roberto Oliveira*

*Jerusa Pires Ferreira*

U

m tema desafiador em todos os tempos e muito atual pela permanência em acontecimentos que ameaçam a vida humana e a colocam diante da morte.

Em versões inéditas, “Festim em Tempo de Peste”, de Alexander Púschkin, traduzido do russo por Boris Schnaiderman, e “O Cólera em Paris em 1832”, de Heinrich Heine, traduzido do alemão por Roberto Oliveira, pertencem a uma antologia que organizamos, incluindo muitos textos de escritores e cientistas, da Antiguidade remota a nossos dias. Em inesperadas convergências, percebemos perspectivas distintas, do belo e da celebração ao medo e horror de uma visita tão indesejada, a peste.

O livro, que reúne textos e imagens, os mais surpreendentes, e provém de uma extensa pesquisa, está merecendo cuidadosa preparação na editora Ateliê e deverá sair publicado em breve.

**BORIS SCHNAIDERMAN** é professor aposentado do curso de Russo da FFLCH-USP.

**ROBERTO OLIVEIRA** é médico, professor do Departamento de Saúde Coletiva da UniRio, tradutor e escritor.

**JERUSA PIRES FERREIRA** é professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e do CJE/ECA-USP.

Por agora, uma amostra de como dois grandes escritores imaginaram ou presenciaram os acontecimentos funestos, e procuraram instalá-los em seu tempo e em suas linguagens.



Reprodução  
Retrato de Púschkin por Orest Kiprensky

## ALEXANDER S. PÚSCHKIN (1799-1837)

Conforme uma nota às *Obras Completas* de Púschkin, em dez volumes, da Editora da Academia de Ciências da URSS (Moscou, 1957), o texto do poeta russo data de 1830 e constitui tradução de uma cena do poema dramático de John Wilson, *A Cidade da Peste* (*The City of the Plague*, 1816). As canções de Mary e do Presidente, nele incluídas, ainda de acordo com a mesma nota, são um acréscimo de Púschkin e não lembram de modo algum canções do próprio John Wilson. Na peça deste, descreve-se a peste de Londres em 1665.

O interesse de Púschkin por esse tema se deve certamente ao fato de estar grassando então na Rússia uma epidemia de cólera, que era frequentemente chamada de peste.

Essa peça entrou no rol das obras mais difundidas da tradição poética russa, e a expressão “festim em tempo de peste” se tornou uma frase feita que circulou em diversas circunstâncias históricas do país.

Curiosamente, nos países de língua inglesa, parece que não se atribuiu a mesma importância a John Wilson. Assim, a edição de 1995 da *Enciclopédia Britânica* simplesmente omite o seu nome, embora ele figure com dados biográficos em edições anteriores. O pouco apreço dos ingleses por sua obra pode ser confirmado pelo fato de que a notícia biográfica, incluída na edição da *Britânica* de 1954, não se refere sequer a seu poema sobre a peste.

## Festim em Tempo de Peste<sup>1</sup>

*Uma rua. Mesa posta. Alguns homens e mulheres se banqueteiam.*

### *Um Jovem*

Mui digno Presidente! Vou lembrar  
Um homem muito conhecido nosso,  
Cujas chalaças, casos engraçados,  
Ditos agudos, mais observações  
Tão doidas, mas em divertida empáfia,  
Vivificavam nossa prosa à mesa,  
Aniquilando a treva, que hoje em dia  
O contágio, nosso hóspede, nos manda  
E arrasa nossas mentes mais agudas.  
Dois dias faz, em nosso riso a glória  
De seus relatos retinia assaz.  
Será que em nosso alegre banquetear  
Se esqueça Jackson? Eis sua poltrona  
Vazia, como que parada à espera  
Do folgazão. Mas ele já partiu  
Para as moradas frias do subsolo...  
Embora sua linguagem eloquente  
Não se calasse à beira do caixão,  
Ainda somos muitos e não temos  
Motivo de tristeza, e eu proponho  
Bebermos à memória sua, ao alegre  
Soar dos cálices, dos ahs, dos gritos  
Como se ele estivesse aqui, conosco.

### *O Presidente*

Ele foi o primeiro a nos deixar.  
Pois digo, ao silenciar assim, bebamos  
À sua memória e honra para sempre.

<sup>1</sup> Tradução de Boris Schnaiderman.

*Um Jovem*

Que seja assim e seja eternamente.

*(Todos bebem em silêncio.)*

*O Presidente*

Tua voz, querida, traz-nos sons amenos  
Dos cantos pátrios, perfeição estranha:  
Entoa-nos, Mary, lenta e tristemente,  
Para, depois, voltarmos à alegria,  
Mais loucamente, como alguém da terra  
É expulso por um sonho, uma visão.

*Mary (canta)*

Houve um tempo, florescia  
Neste mundo nossa gente,  
Aos domingos já se enchia  
Toda a igreja de repente;  
Na ruidosa escola, as vozes  
Dos nossos guris soavam  
E no campo, bem velozes,  
Foíce e gadanha brilhavam.

Hoje a igreja está vazia,  
E a escola foi trancada;  
Os frutos apodreciam;  
A mata jaz devastada.  
E a aldeia, qual um prédio  
Pós-sinistro, está de pé.  
Tudo quieto. Este é o assédio  
Do além-morte à nossa fé.

Trazem mortos a toda hora  
E gemidos de homens vivos  
Ao senhor pedem agora  
Paz às almas dos esquivos.  
Falta espaço lado a lado  
E os jazigos entre si,  
Qual um rebanho assustado  
Se comprimem, frenesi.  
Se um jazigo prematuro  
Coube a minha primavera,  
Tu, amor meu, o mais puro,  
Cujo afeto me assevera  
Dita extrema, eu te imploro,  
Distancia-te de Jenny,  
Não lhe toques lábio morto,  
Fica bem, como quem teme.

E depois deixa esta aldeia  
Por alguma terra estranha  
Onde a alma que pranteia  
Ache a paz que a dor amaina.  
E quando passar esta onda,  
Visita meus pobres restos,  
Pois Jenny não abandona  
Edmond nem nos céus excelsos.

*O Presidente*

Agradecemos, pensativa Mary,  
Esta canção tão triste é um lamento.  
Em dias idos, uma peste igual  
Varreu os vossos vales e colinas,  
Gemidos tristes bem que ressoavam  
À margem dos riachos e dos rios  
Que hoje despencam em paz e alegria  
No paraíso rude de tua terra;  
E o ano sinistro em que tombaram tantos  
Valentes, bons e belas criaturas,  
Mal deixa atrás uma lembrança vaga  
Numa simples canção de pastoreio,  
Tristonha e agradável... Não, pois nada  
Nos entristece tanto nos festejos  
Como um som languê, bem do coração.

*Mary*

Ou se jamais, jamais eu bem cantasse  
Fora da casinhola de meus pais!  
Bem lhes fazia ouvir sua filha Mary:  
Eu como que ouço o meu próprio canto  
À porta da vivenda familiar.  
Eu tinha voz mais doce então, pois era  
Voz da inocência

*Luísa*

Estão fora de moda  
Estas canções. Pois bem, no entanto, existem  
As almas simples: elas se derretem  
Com pranto de mulher aceito às cegas.  
Segundo ela, seu olhar choroso  
É imbatível, mas, se fosse assim,  
O mesmo ela diria de seu riso  
E sorriria sempre. Um dia, Walsingham  
Louvou belas do norte, ela então  
Gemeu de triste. Ouçam: eu detesto  
Estes cabelos louros escoceses.

## Textos

### *O Presidente*

Escutem: ouço rodas avançando.

*(Chega uma carroça repleta de cadáveres, dirigida por um negro.)*

Ah! Luísa se sente mal. Pensava  
Que ela tivesse um coração de homem,  
Mas um ser cruel é fraco ante um bondoso.  
O medo vive na alma apaixonada.  
Esparge, Mary, água no seu rosto.  
Já está melhor.

### *Mary*

Irmã desta tristeza e da vergonha,  
Deita em meu colo.

### *Luísa (voltando a si)*

Um demônio terrível  
Me apareceu: bem negro, de olhos brancos,  
Chamou-me à sua carroça, onde jaziam  
Mortos, e estes agora murmuravam  
Um discurso terrível e ignorado...  
Disse-me: “Foi um sonho que eu tivera?  
A carroça partiu?”

### *Um Jovem*

Ora, Luísa,  
Alegra-te: a rua é toda nossa,  
Refúgio quieto contra a mortandade,  
Abrigo de festins imperturbáveis,  
Mas – sabes tu? – esta carroça negra  
Tem o direito de rodas às claras.  
Nós temos que a aceitar. Ouça-me agora,  
Walsingham, pra evitar maiores brigas,  
Desmaios de mulher e coisas tantas,  
Entoa um canto livre e bem vivaz,  
Avesse a essas tristezas de escocês,  
Um canto báquico bem tumultuoso,  
Surgido com a taça borbulhante.

### *O Presidente*

Não sei de nada igual, mas fiz um hino  
Louvando a peste, bem, eu o escrevi  
Ao despedir-nos ontem, à noitinha.  
Surgiu-me um gosto estranho pelas rimas,  
Foi a primeira vez na vida, e me ouçam:  
Minha voz rouca é boa pra este canto.

### *Muitos*

Um hino à Peste! Vamos, pois, ouvi-lo!  
Um hino à Peste! Bravo! Bravo! Bravo!

### *O Presidente (canta)*

Chegou o poderoso Inverno  
E investe contra nós, do Inferno,  
Sua tropa hirsuta e sobranceira  
De neve, gelo e frio extremo.  
Resposta: crepita a lareira  
E há farras de assustar o demo.

\*

Rainha bem severa, a Peste  
Se assanha contra nós, investe,  
Alegre co’ a colheita farta,  
E no postigo, noite e dia,  
Bate a pá tumular: que parta!  
O que fazer nesta agonia?

\*

Livres do Inverno brincalhão,  
Fugindo à Peste em confusão,  
Luzes acesas, taça cheia,  
Num alegre afogar da mente,  
Em meio a bailes, eia!, eia!  
Ergamos nosso viva à Peste.

\*

Há êxtase em meio da batalha,  
E à beira de um abismo – valha! –  
E no oceano enfurecido,  
De ondas terríveis, vento e treva,  
No tufão árabe – um remoinho –  
Na ventania que a Peste leva.

\*

Tudo o que ameaça destruição  
Guarda uma estranha fruição  
P’ro coração de um ser mortal,  
Penhor talvez do que é eterno.  
Feliz quem bem no tremedal  
Soube vivê-lo termo a termo.

\*

Portanto, glória a ti, ó Peste,  
Não nos assusta o além que investe  
Contra nós nesse teu apelo.  
Erguendo a taça em gesto amigo,  
Colhemos o hálito singelo  
Talvez da Peste... ouve o que eu digo.

*(Aparece um velho sacerdote.)*

*Sacerdote*

Festim sem Deus, loucos sem divindade!  
Com essas farras e canções perversas  
Vós ofendeis o silêncio sinistro  
Que a morte espalha em toda parte às cegas!  
No horror destes enterros tão pranteados,  
Em meio às faces pálidas eu rezo,  
Mas vossos júbilos indecorosos  
Rompem esta quietude dos enterros  
E abalam o silêncio tumular.  
Se as orações dos anciães e esposas  
Não redimissem a vala comum,  
Eu pensaria que os demônios doidos  
Ficam dilacerando os sem-Deus  
E a gargalhar os levam aos Infernos.

*Algumas vozes*

Ele trata do inferno como um mestre.  
Avante, velho! Segue em teu caminho.

*Sacerdote*

Eu vos conjuro pelo santo sangue  
Do Redentor, por nós morto na cruz:  
Fora o festim monstruoso, se quereis  
Achar nos céus as almas tão amadas,  
Ide cada um em busca de seu lar.

*O Presidente*

As nossas casas hoje vivem tristes,  
E a juventude gosta de alegria.

*Sacerdote*

És Walsingham? És tu aquele mesmo  
Que há três semanas, caído de joelhos,  
Tua mãe morta, em prantos, abraçavas  
E aos berros sacudias seu jazigo?  
Ou pensas que ela agora não pranteia  
Amargamente, erguida em pleno céu,  
Vendo o filho farrear aqui na terra  
E ouvindo tua voz num canto doido,  
Após as santas rezas e os suspiros?  
Segue-me!

*O Presidente*

Ora, dirás, pra que vieste  
E me inquietas? Eu não posso ou devo  
Seguir-te agora, pois é o desespero  
Que me retém, esta lembrança horrível,  
A consciência da vida sem lei,

O horror daquele vácuo mortal  
Que reina agora em minha casa às claras  
E o novo destas alegrias loucas,  
E o bom veneno desta minha taça,  
E os carinhos (perdoa-me, Senhor!)  
De um ser querido que morreu agora...  
A sombra maternal não vai chamar-me  
– É tarde, eu ouço tua voz agora,  
Ela me chama, eu reconheço o esforço  
De me salvar... ancião, bem, parte em paz;  
Maldito seja quem seguir teu rasto.

*Muitos*

Bravos! Bravos! Mui digno Presidente!  
Recebeste um sermão! Embora! Embora!

*Sacerdote*

Matilde, esp'rito puro é quem te chama!

*O Presidente (erguendo-se)*

Jura-me, a mão pálida erguida aos céus,  
Pálida, murcha, que hás de abandonar  
Em seu caixão nome que se cala!  
Oh, se eu pudesse ao seu olhar eterno  
Varrer esta visão! Pois ela outrora  
Me via puro, livre e orgulhoso  
E um paraíso certo nos meus braços...  
Onde? Filha santa da luz! Eu vejo  
Que estás onde o espírito caído  
Meu não te alcança mais...

*Uma voz feminina*

Ele está louco...  
Sonha com a mulher em seu jazigo.

*Sacerdote*

Vamos...

*O Presidente*

Eu peço, pelo amor de Deus,  
Deixe-me em paz.

*Sacerdote*

Senhor seja contigo.  
Adeus, meu filho.

*(Sai. O festim prossegue. O Presidente permanece profundamente pensativo.)*



## HEINRICH HEINE (1797-1856)



Reprodução  
Heinrich Heine em 1831, por Moritz Daniel Oppenheim

Christian Johann Heinrich Heine, poeta romântico alemão, conhecido como “o último dos românticos”, jornalista, ensaísta e crítico literário. Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a obra de juventude, foi musicada por vários compositores, como Schumann, Schubert, Mendelssohn, Brahms e Wagner; as composições tardias em verso e prosa foram marcadas por um tom satírico e profunda ironia. Devido a suas visões políticas, foi banido da Alemanha, passando os últimos 25 anos da vida como exilado, em Paris.

Heine foi apreciado por diversos poetas, entre eles, Théophile Gautier, Maiakóvski, Ezra Pound e, no Brasil, entre outros, por Castro Alves, cujo *O Navio Negreiro* teria se inspirado no poema *Das Sklavenschiff (O Navio Negreiro)* de 1853-54, que retrata a condição dos prisioneiros de um desses navios aportado no Rio de Janeiro.

Desde 1831, vive em Paris, onde é testemunha ocular do surto de cólera que se abateu sobre aquela cidade, em 1832, e escreve artigos para o jornal alemão *Augsburger Allgemeine*

*Zeitung*, mostrando o horror e a violência da doença. Embora reconhecesse tratar-se de cólera, usa em certos trechos a palavra *peste*, com um significado que remonta à Antiguidade, à designação genérica de qualquer doença que mata muitas pessoas, no mesmo lugar, em curto espaço de tempo.

O Cólera em Paris em 1832<sup>2</sup>

## Artigo VI

Paris, 19 de abril 1832

[...] O relato a seguir talvez tenha o mérito de ser um tipo de boletim escrito no campo de batalha durante o combate e, desse modo, tem a cor sincera do momento. Tucídides, o historiador, e Boccaccio, o decameronista, sem dúvida, nos deixaram as melhores descrições do gênero; mas duvido que tivessem paz de espírito suficiente para torná-las belas e eruditas se, enquanto o cólera de suas épocas grassava com o máximo furor, fosse necessário pintá-lo em artigos apressados para a Gazeta Universal de Corinto ou de Pisa.

[...] Refiro-me ao cólera que aqui reina soberano e, sem levar em conta posto ou opinião, abate suas vítimas aos milhares.

Depois de receber de Londres a notícia de que proporcionalmente essa peste só havia carregado poucos indivíduos, nos preparamos com muito menos cuidado. De início, parecia mesmo que tivéssemos decidido partir para a zombaria e pensava-se que o cólera, assim como todas as outras grandes reputações, aqui, seria reduzido a pouca coisa. Portanto, não se deve odiar demais esse honesto cólera se, com medo do ridículo, ele tivesse recorrido a um meio que Robespierre e Napoleão teriam julgado eficaz e, para se fazer respeitar, dizimasse o povo. Devido à grande miséria aqui dominante; à imensa sujeira existente, não apenas nas classes mais pobres; sobretudo,

2 Tradução de Roberto Oliveira. O texto utilizado foi *Französische Zustand, Berichte für die Augsburger Allgemeine Zeitung, 1831/32*, publicado em livro em Hamburg (Hoffmann und Campe, 1833). As expressões originalmente em francês foram mantidas nessa língua.

devido à irritação do povo; à sua falta de cuidado sem limites, à total falta de precauções e advertências, o cólera deverá grassar aqui com mais rapidez e horror do que em qualquer outro lugar. Em 29 de março, sua chegada foi oficialmente notificada e, como era o dia de *mi-carême* e estava fazendo sol e bom tempo, os parisienses brincaram com mais animação ainda nos *boulevards*, onde se viam até mesmo máscaras que, caricaturando a cor e a figura dos doentes, zombavam do temor da própria doença. Nessa noite, os bailes nunca estiveram tão cheios, risos presunçosos quase cobriam a música barulhenta, que esquentou no *Chahût*, uma dança pouco equívoca; na ocasião, tomou-se todo tipo de sorvete e bebidas geladas, quando, de repente, o mais engraçado dos arlequins sentiu uma grande frieza nas pernas, tirou sua máscara e, para a surpresa de todo mundo, descobriu uma face azul violeta. Ficou logo claro que não se tratava de brincadeira, as risadas cessaram e, em seguida, vários carros cheios de pessoas partiram do salão para o Hôtel-Dieu, o hospital-central, onde eles, vestidos com suas roupas burlescas, logo morreram. Como no primeiro momento se acreditou ser uma doença contagiosa e os pacientes mais antigos do Hôtel-Dieu dessem gritos medonhos de angústia, diz-se que os mortos foram enterrados tão rapidamente que nem deu tempo de serem retiradas as coloridas fantasias, e repousam em seus túmulos alegremente como viveram.

Nada iguala a confusão que, agora, de repente, tomou as instituições de segurança. Foi constituída uma Comissão sanitária, estabelecidos por toda a parte *Bureaux de secours*, e as ordenações referentes à *Salubrité publique* tiveram de entrar rapidamente em vigor. Logo de início, isso entrou em choque com o interesse de alguns milhares de pessoas que consideram os dejetos públicos como seu domínio. Estes são os assim chamados trapeiros, os quais retiram sua subsistência do lixo que se acumula diariamente nos locais de depósito, na frente das casas. Com cestas pontiagudas nas costas e uma vara curva em forma de gancho na mão, esses homens, de figura pálida e suja, vagueiam pelas ruas e sabem que, muitas vezes, coisas jogadas fora podem ser desenterradas do lixo e vendidas. Então quando a própria polícia realiza esse trabalho, para que

a sujeira não fique muito tempo nas ruas, os dejetos, colocados em carretas, são imediatamente levados da cidade para o campo aberto, onde os trapeiros estariam livres para pescar seu objeto de estimação: por isso, esses homens se queixam que se não perderam inteiramente, tiveram seus patrimônios diminuídos, e tais aquisições eram um direito garantido há muito, como se fora uma propriedade, da qual não poderiam arbitrariamente ser privados. Curioso é que as provas por eles produzidas na ocasião fossem absolutamente as mesmas que nossos fidalgos, chefes de corporações, mestres de guildas, pregadores de dízimos, companheiros professores e outros semelhantes frequentadores de privilégios alegam quando se trata de finalmente varrer os antigos abusos, dos quais se beneficiam: o lixo da Idade Média, a fim de que obscuridade e mofo seculares não empestiem nossa vida atual. Como seus protestos de nada adiantaram, os trapeiros procuraram impedir pela violência a reforma da limpeza, tentaram uma pequena contrarrevolução e, ligando-se a mulheres velhas, as *Revendeuses*, proibidas de revender ao longo do cais as mercadorias malcheirosas, em grande parte, deles recebidas. Vimos, nesse momento, o mais repugnante dos motins: as viaturas novas da limpeza pública foram quebradas e jogadas no Sena, os trapeiros fizeram uma barricada perto da Porta de Saint Denis, as lixeiras combateram com seus grandes guarda-chuvas no Chatélet; então, a marcha geral venceu; Casimir Périer<sup>3</sup> fez chamar ao som do tambor seus mirmidões<sup>4</sup> do fundo das lojas, o trono burguês tremeu<sup>5</sup>, os que viviam de renda caíram, os carlistas<sup>6</sup> se re-

3 Casimir Pierre Périer (1777-1832), banqueiro, primeiro-ministro da França, entre 13 de março de 1831 e 16 de maio de 1832.

4 Os mirmidões eram os soldados de Aquiles, na Guerra de Troia. Por extensão, dá-se tradicionalmente esse nome a todos os seguidores fanáticos e inescrupulosos de um chefe político. Aqui, uma referência irônica de Heine à reacionária pequena burguesia parisiense.

5 Referência a Luís Felipe I (1773-1850), rei da França de 1830 a 1848, conhecido como "o rei burguês".

6 Referência a Carlos X (1757-1836), rei da França entre 1825 e 1830, cujos partidários continuaram a defender os direitos reais até sua morte, embora deposto pela Revolução de 1830 e sucedido por Luís Felipe I.

jubilaram. Esses tinham finalmente encontrado os aliados mais naturais, os trapeiros e velhas catadoras de lixo, que se utilizaram dos mesmos princípios, fazendo-se paladinos do convencional, dos interesses tradicionais da sucessão do lixo, de todo tipo de podridão.

Quando a revolta dos trapeiros foi sufocada pela força das armas, e como o cólera ainda não grassava com o vigor esperado por certas pessoas, que, a cada desgraça e agitação popular, desejavam o triunfo de sua causa ou, pelo menos, a queda do governo; ouviu-se, de repente, o rumor de que esse monte de gente tão rapidamente enterrado não havia morrido de doença, mas sim de veneno, que se dizia ter sido colocado em todos os alimentos nos mercados de vegetais, padarias, açougues e casas de vinhos. Quanto mais estranhos eram esses relatos, mais acolhidos pelo povo. E mesmo os céticos que balançavam a cabeça foram obrigados a dar fé quando apareceu um aviso do Chefe de Polícia. A Polícia, aqui como em todo lugar, está menos interessada em impedir o crime e muito mais em ser informada sobre ele, ou queria vangloriar-se de seus conhecimentos científicos ou, tencionava, a cada rumor verdadeiro ou falso de envenenamento, pelo menos, colocar o governo a salvo de suspeitas: bastou que ela dissesse expressamente, em seu infeliz aviso, que estava na pista dos envenenadores, para confirmar oficialmente o maldoso boato e toda Paris caiu no pior dos delírios de morte.

“Isso é um absurdo”, clamaram os mais velhos que, mesmo nos momentos mais ferozes da revolução, não tinham experimentado tal sacrilégio. “Franceses, fomos desonrados!”, gritaram os homens, batendo na testa. As mulheres, cheias de angústia, apertavam seus filhos pequenos contra o seio, chorando e lamentando amargamente que os bichinhos iriam morrer em seus braços. Os pobres não ousavam comer ou beber e torciam as mãos de dor e raiva. Era como se fosse o fim do mundo. Especialmente, nas esquinas onde se encontravam os bares pintados de vermelho, os grupos se reuniam e discutiam, e lá, na maioria das vezes, revistavam os homens que pareciam suspeitos, e azar o deles se encontrassem algo estranho em seus bolsos! Como animais selvagens, em um frenesi, a multidão se

atirava sobre eles. Muitos se salvaram graças à presença de espírito, muitos foram arrancados do perigo, pela ação da guarda comunitária, que todos os dias patrulhava a cidade inteira; outros foram gravemente feridos e mutilados; seis homens impiedosamente massacrados. Não há visão mais aterradora do que a ferocidade do povo sedento de sangue atacando vítimas indefesas. E então um mar escuro de pessoas se balança nas ruas, onde espumam ondas de operários descamisados entre gritos e urros, impiedosos, pagãos, demoníacos. Escutei na Rua Saint-Denis o famoso chamado: *À la lanterne!*<sup>7</sup>. E algumas vozes cheias de ódio me disseram que estavam enforcando um envenenador. Alguns diziam que era um carlista, que havia sido encontrado em seu bolso um *brevet du lis*<sup>8</sup>; outros disseram que era um padre, e que tal tipo era capaz de tudo. Na Rua Vaugirard, onde foram massacrados dois homens que tinham consigo um pó branco, vi um desses desgraçados quando ainda ofegava, e até mesmo as velhas tiraram os tamancos dos pés e bateram nele até que morresse. Ele estava completamente nu, ensanguentado, quebrado e esmagado; não só as roupas, mas o cabelo, o sexo, os lábios e o nariz foram arrancados, e um homem selvagem amarrou uma corda em volta do pé do cadáver e arrastou-o pela rua, enquanto gritava sem parar, “*Voilà le cólera morbus!*”. Uma linda mulher, empalidecida pela emoção, com os seios nus e as mãos manchadas de sangue, estava lá e, quando o cadáver passou perto dela, deu-lhe um pontapé. Ela riu e pediu que pagasse alguns francos por sua doce artesanaria, a fim de que pudesse comprar um vestido de luto, porque sua mãe havia morrido algumas horas atrás, envenenada.

No dia seguinte, soube-se pelos jornais públicos que os infelizes que haviam sido tão cruelmente massacrados eram inocentes, que o pó suspeito encontrado com eles era cloretos,

---

7 *À la lanterne!*, tradicional chamamento usado no início da Revolução Francesa, quando os lampiões serviam como instrumento para as multidões realizarem linchamentos e execuções nas ruas de Paris, enforcando funcionários do rei e aristocratas nos postes.

8 Carta de nobreza, outorgada pelo rei, marcada com três lírios brancos, tradicional símbolo da realeza na França, que, na época, identificava seu possuidor como carlista.



cânfora ou outros meios de proteção contra o cólera, e que os supostamente envenenados tiveram morte natural pela epidemia reinante. A população local, como a de toda parte, tendendo a ser tomada pela paixão, pode ser levada a cometer atrocidades, mas retorna com a mesma rapidez ao perdão e arrependimento, com um tocante pesar pelos seus atos, quando ouve a voz da razão. Foi com essa voz que os jornais da manhã seguinte souberam acalmar e apaziguar o

povo, e isso pode ser sinalizado como um triunfo da imprensa, prontamente capaz de pôr um termo na confusão causada pela polícia. Tenho que repreender aqui o comportamento de certas pessoas que não pertencem às classes mais baixas e se deixaram levar pela indignação a ponto de acusar publicamente o partido carlista de envenenamento. A paixão não pode nos levar tão longe. De fato, pensaria muito antes de fazer tal acusação a meus venenosos inimigos.



*A Morte como o Corta-Gargantas*, gravura de Alfred Rethel (1851), inspirada nos relatos jornalísticos de Heinrich Heine sobre o surto de cólera em 1832, em um baile de máscaras na festa de *mi-Carême*, em Paris. Aqui, a Morte toca um tipo de violino, enquanto os músicos fogem. À direita, vê-se a silhueta de uma mulher, enrolada em uma mortalha, símbolo da doença. No primeiro plano, algumas pessoas caídas, mortas pelo cólera, vestidas com as fantasias do baile.

Os carlistas se queixaram disso, com toda razão. Porém, esbravejaram e xingaram tanto e tão alto que me despertou suspeita; essa não é de modo algum a fala dos inocentes. Contudo, após o convencimento dos mais bem informados, não houve mais envenenamentos. Pode ser que tenha sido tramado um envenenamento aparente e que tenham sido contratados alguns miseráveis, que jogaram todo tipo de pó inofensivo nos alimentos, a fim de deixar a população inquieta e agitada. Se for esse o caso, não se deve cobrar duramente do povo esse tumulto, tanto mais porque não se trata

de um ódio particular, mas sim “no interesse do bem comum segundo os princípios da teoria da dissuasão”<sup>9</sup>. Sim, talvez os carlistas tenham caído na armadilha preparada pelo governo; os envenenamentos não lhes foram geralmente atribuídos e muito menos aos republicanos, mas àquele partido “que é sempre vencido pelas armas, ressuscita pelo uso de meios covardes, atinge o sucesso e o poder por meio da infelicidade dos franceses e, agora, desprovido da ajuda dos cossacos, poderia provavelmente se refugiar em venenos comuns”, foi nesses termos que se manifestou o Constitutionnel.

---

9 A referência atesta o cunho jurídico-político dado à peste por Heine. A teoria clássica da dissuasão (*Abschreckungstheorie*) defende que a ameaça de sanções poderá ter um efeito dissuasivo do crime quando a punição dos autores for maior do que a satisfação obtida com o crime. Sua elaboração deve-se ao fundador da moderna doutrina do direito penal da Alemanha, o jurista Anselm Feuerbach (1775-1833), pai do filósofo Ludwig Feuerbach (1804-72), membro da esquerda hegeliana, assim como Marx, Engels e Heine. Em 1833-34, Heine publicou *Die romantische Schule (A Escola Romântica)* e *Zur Geschichte der Religion und Philosophie in Deutschland (Para a História da Religião e da Filosofia na Alemanha)*, nas quais defen-

dia a ideia de que a revolução filosófica na Alemanha, cuja etapa final era então a filosofia de Hegel, constituía o prólogo da iminente revolução democrática no país, que, efetivamente, ocorreu em 1848. Posteriormente, Marx e Engels criticam as ideias de Feuerbach, o que não impede Engels de louvar a antevisão de Heine, que afirmara ser a revolução filosófica alemã do século XIX um prelúdio do desmoronamento político da antiga ordem. Assim, Engels escreve, em 1886, no livro *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*: “O que, porém, nem os governos nem os liberais viram, viu-o já em 1833, pelo menos, um homem, mas é certo que se chamava Heinrich Heine”.